

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS – FFLCH / USP

A reprodução das diferenças sociais na perspectiva de Pierre Bourdieu

aluna: Mariana de Oliveira Martinkovic
semestre: 1º / 2011

Introdução

De acordo com Pierre Bourdieu, as trajetórias individuais podem ser interpretadas à luz de um determinado olhar sociológico, pelo qual as experiências subjetivas são consideradas como resultado das condições do espaço social em que os indivíduos se inserem. Gostos, preferências e escolhas individuais não são dados pela natureza do indivíduo, habilidades não são dons naturais e limitações não são defeitos inatos.

Estas características individuais, portadas por cada um, muitas vezes são confundidas pelo senso comum como algo derivado do divino ou da genética. Estas concepções deixam de considerar o componente social como algo constituinte da experiência individual. De acordo com a concepção que será exposta neste trabalho, a sociedade é uma referência para os indivíduos que respondem aos seus constrangimentos. Um sujeito pode preferir futebol ao tênis ou preferir assistir novelas televisivas a um freqüentar espetáculos teatrais ou concertos musicais. Tais preferências são capazes de nos dar pistas sobre a qual grupo social o indivíduo está vinculado, mas não pelas suas características econômicas exclusivamente. Ou seja, não é porque um determinado esporte ou uma atividade cultural sejam economicamente viáveis (mais baratos) que eles serão automaticamente mais consumidos pelas classes populares. Um exemplo disto é o fato de que muitas atividades culturais (como espetáculos, museus e exposições), nas grandes cidades, em geral possuem entrada franca ou valores acessíveis à população em geral. Mesmo existindo certa facilidade no acesso, ao menos sob o ponto de vista econômico, pode-se notar que os bens culturais socialmente valorizados são consumidos com mais freqüência por uma elite restrita, como demonstra a tabela abaixo. Estes dados foram resumidos e retirados de um estudo promovido pelo IPEA em conjunto com o Ministério da Cultura, com base em dados levantados pelo IBGE (Pesquisa de Orçamentos Familiares/IBGE - POF 2002/2003)¹.

¹ In: <http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/livros/cardenosdepoliticac/vol3.pdf>

Porcentagem do dispêndio cultural das famílias por escolaridade da pessoa de referência no total

Itens de despesa cultural	Anos de Estudos	
	Até 11 anos de estudo	12 anos ou mais de estudo
Cinema	2.7	5.7
Artes (teatro, dança, museus, etc.)	4	4.7
Música (instrumentos, shows, etc.)	2.5	2.4
Periódicos (jornal, revista, etc.)	8.9	13.6
Leitura	13.7	18.6
Equipamento de TV	18	7
Equipamento de som	14.3	4.7

Proporção de cada bem no total dos dispêndios culturais por classe de renda (em %)

Itens de despesa cultural	Classe de Renda		
	A/B	C	D/E
Cinema	5.2	3.4	1.7
Artes (teatro, dança, museus, etc.)	4.5	4.1	3.9
Música (instrumentos, shows, etc.)	2.8	2.2	1.8
Periódicos (jornal, revista, etc.)	12.5	11	6.8
Leitura	17.1	15.4	13
Equipamento de TV	7.5	13.8	26.5
Equipamento de som	5.3	11.5	20.7

Como se pode notar, quanto maior a escolaridade, maior a frequência de consumo de itens culturalmente valorizados (como leitura e cinema, por exemplo). O mesmo padrão é obtido quando a distribuição é feita por classe de renda. Estas tabelas nos permitem vislumbrar o fato de que juízos e preferências são, em geral, partilhados por todos aqueles que estão expostos a uma mesma condição social (entendida para além dos aspectos econômicos), mesmo que cada indivíduo seja capaz de se apropriar e combinar de maneira particular os fatores sociais.

Na análise sociológica proposta por Bourdieu as trajetórias individuais podem ser compreendidas levando-se em consideração a forma com que tanto o capital econômico quanto o capital cultural estão distribuídos. Neste sentido é importante ressaltar que o autor entende a noção de classe social de maneira diferente da compreensão puramente econômica. Bourdieu introduz uma dimensão simbólica em sua análise, ressaltando não

apenas as trocas materiais que ocorrem no espaço social, mas também as trocas simbólicas. Portanto as camadas sociais são, para Bourdieu, construções teóricas baseadas nas noções de capital econômico e de capital cultural. Em outras palavras, uma abordagem puramente economicista avalia aspectos como renda, ocupação, número de televisores e geladeiras que uma família possui para caracterizá-la como pertencente a esta ou aquela classe social; a abordagem proposta por Bourdieu introduz componentes simbólicos na análise, como a rede de relações sociais estabelecidas pela família, porte e desenvoltura perante bens culturais e graus de formação obtidos (diplomas), por exemplo.

Contudo, de acordo com esta perspectiva, capital econômico e capital cultural não estão totalmente desvinculados. Quanto mais capital econômico uma família ou um indivíduo porta, mais tempo livre possui para acumular mais capital cultural. Por exemplo, o filho jovem de uma família abastada não necessariamente precisa trabalhar para obter condições de estudar, possuindo assim mais tempo para obter condições de apropriação simbólica dos bens culturais portados pela família. Esta apropriação simbólica poderia ser entendida como uma facilidade frente à linguagem das artes, da literatura, da comunicação, da etiqueta, etc. Outro exemplo que ilustra a relação entre capital econômico e capital cultural seria a trajetória das classes médias ascendentes, cujos representantes encontram dificuldades em se integrar à elite ou classe dominante, uma vez que não basta portar capital econômico, ou em outras palavras, não basta possuir muito dinheiro, para se alcançar um patamar de desembaraço frente aos itens culturais mencionados anteriormente. As classes dominantes, neste sentido, possuem vantagens iniciais (posse de capital econômico e de capital cultural) que facilitam a manutenção de seu *status*.

A apropriação simbólica mencionada mais acima envolve um longo processo de socialização. Assim, a mediação entre indivíduo e sociedade é pensada por Bourdieu através da noção de *habitus*, que será explicitada ao longo deste texto, com o intuito de esclarecer os pontos abordados nesta introdução.

Classe social, capital e *habitus* – renovações sociológicas dos conceitos

Antes de introduzir a noção de *habitus* desenvolvida por Bourdieu, considera-se interessante promover uma aproximação à forma com que o autor trabalha categorias como classe social e capital, que se diferenciam dos usos empreendidos pelas ciências econômicas e até pela sociologia clássica, de certa maneira.

Bourdieu (1996) prefere o termo '*espaço social*' à '*classe social*'². Conforme o autor, as classes sociais somente existem no papel, são recortes produzidos pelos pesquisadores, que ao introduzirem a noção de espaços sociais podem construir e apontar os princípios de diferenciação do espaço social analisado. Os princípios de diferenciação variam conforme o tempo e o espaço, sendo que todas as sociedades (exceto as simples e as "menos diferenciadas") são estruturas que só podem ser compreendidas através da construção dos princípios que norteiam a distribuição de poder. Bourdieu entende este espaço social como um *campo*, conceito que viabiliza a análise da maneira com que o poder se distribui. O espaço social global é um campo de forças e um campo de lutas no interior do qual os indivíduos se posicionam e agem conforme suas posições na estrutura, proporcionando desta forma a sua conservação ou a sua transformação. O campo de poder para Bourdieu não é entendido como um campo político, mas como um espaço em que os tipos de capital ou os seus portadores estão em luta pela dominação do campo correspondente. A dominação, portanto, não é compreendida pelo autor como resultado da ação coercitiva de uma classe dominante sobre outra dominada, mas sim resultado de ações complexas de grupos em relação, em disputa pela manutenção ou transformação das estruturas do campo (BOURDIEU, 1996).

A forma com que os estudos de Bourdieu se apropriam da noção de classes sociais, desta forma, se reveste do sentido acima exposto de *espaço social*. Da mesma maneira, a noção de capital para o autor não se refere ao seu conteúdo economicista. Ele não faz referência direta às classificações simplistas que medem renda e profissão, por exemplo, para se determinar a estratificação social. Bourdieu introduz uma inovação ao se referir também ao capital social e ao capital cultural dos indivíduos ou grupos de indivíduos.

O capital social está para além da posse de bens. Segundo o autor (Bourdieu, 2010a), o capital social se refere a trocas tanto materiais quanto simbólicas, às redes de relações estabelecidas pelo indivíduo bem como pelo porte de capital econômico e cultural.

² Isto porque, ao introduzir uma noção relacional (indivíduos ou grupos em relação, que se definem em suas diferenças), este termo confere realidade à análise dos comportamentos, mesmo que sua existência não seja visível efetivamente. O uso do termo *classe social*, conceito construído deliberadamente pelas ciências sociais, se revestiu na teoria marxista de um conteúdo de luta política. A polêmica conceitual sobre se as classes sociais existiriam ou não é dirimida com a utilização do termo *espaço social*.

Conforme Wacquant (2007a), a lógica da dominação social e o meio como ela se reproduz é lida por Bourdieu a partir do sistema de classes, cultura, educação e capital, este último entendido de maneira diferente dos postulados econômicos e da sociologia de Marx. Para Bourdieu o capital econômico e o capital social definem em conjunto as posições de poder e a estruturação do espaço social, bem como influenciam oportunidades e trajetórias, de grupos e indivíduos.

Nas palavras de Bourdieu:

O capital social é o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não são somente dotados de propriedades comuns [...], mas também são unidos por ligações permanentes e úteis (BOURDIEU, 2010a, p.67).

Para elucidar a noção de capital cultural, no artigo *Os três estados do capital cultural*, Bourdieu (2010a) contrapõe as noções de capital cultural e capital humano. O autor critica interpretações economicistas sobre os investimentos em educação, classificando-as como funcionalistas, pois analisam os retornos da educação apenas em termos de taxas de lucros ou em resultados para a produtividade nacional (capital humano). O ponto de vista puramente econômico desconsidera o fato de que a educação está relacionada à reprodução da estrutura social (BOURDIEU, 2010a, p. 73-74), e à lógica da dominação que envolve outros tipos de capitais, não somente o econômico³. Para o autor, o capital cultural existe sob três formas: incorporado, objetivado e institucionalizado.

O *capital cultural incorporado* se relaciona ao corpo do indivíduo, ele faz parte da pessoa e se relaciona à sua especificidade biológica. A sua transmissão hereditária é invisível, aparecendo como característica inata ou meritocrática. Funciona como um capital simbólico justamente por sua característica dissimulada. Segundo Bourdieu tem mais alto valor no mercado matrimonial ou de bens culturais se comparado ao capital econômico. Por exemplo, os mercados de posse de bens artísticos, de fundações culturais, de instituições de assistência e donativos, não podem ser entendidos com base em explicações econômicas; a idéia de capital cultural neste sentido pode ser o elo capaz de explicitar o valor simbólico deste tipo de capital:

Com efeito, o economicismo deixa escapar, por definição, a alquimia propriamente social pela qual o capital econômico se transforma em capital simbólico, capital denegado ou, mais exatamente, não reconhecido (BOURDIEU, 2010a, p. 75).

³ A questão da educação será retomada mais adiante neste texto.

Detentores de capital cultural portam não apenas ou necessariamente capital econômico, mas uma distinção que lhes beneficia material e simbolicamente. A transmissão do capital cultural está intimamente relacionada à sua “eficácia ideológica”. O *capital cultural objetivado* depende do capital cultural incorporado pela família. Assim o início do processo de acumulação de capital cultural flui mais rapidamente entre membros de famílias que já são portadoras de um forte capital cultural, ou seja, se trata de um processo dissimulado de transmissão hereditária e de reprodução da estrutura de poder estabelecido. A relação entre capital econômico e capital cultural sob este ponto de vista se dá através do tempo necessário para sua aquisição. O indivíduo portador de capital cultural máximo possui tempo máximo livre para aquisição de mais capital, sendo o inverso sua consequência lógica: “o tempo durante o qual determinado indivíduo pode prolongar seu empreendimento de aquisição depende do tempo livre que sua família pode lhe assegurar” (BOURDIEU, 2010a, p. 76).

O capital cultural objetivado é transmitido materialmente assim como o capital econômico (não sem diferenças). Não basta a posse econômica ou apropriação material, por exemplo, de livros, quadros, máquinas; é necessária sua apropriação simbólica, como uma “arma” de distinção no campo de lutas da produção cultural e de classes.

O *capital cultural institucionalizado* pode ser representado pelo porte de diplomas. Diferentemente do capital incorporado que está imbricado no limite biológico de seu portador, esta forma de objetivação do capital tem uma característica de relativa autonomia perante seu portador ou seu capital cultural. Ele se institui pela crença do coletivo em seu próprio valor, que se define de maneira disposicional, em relação a outros grupos. Os certificados permitem a conversão entre capital cultural e capital econômico no mercado de trabalho, por exemplo. Segundo Bourdieu:

(...) produto da conversão de capital econômico em capital cultural, ele estabelece o valor, no plano do capital cultural, do detentor de determinado diploma em relação aos outros detentores de diplomas, e inseparavelmente, o valor em dinheiro pelo qual pode ser trocado no mercado de trabalho (BOURDIEU, 2010a, p. 79).

Segundo Wacquant (2007a), a institucionalização da hierarquização social em Bourdieu pode ser entendida, sob este ponto de vista, a partir da análise da distribuição de diplomas. A ordem social contemporânea pode ser entendida a partir da distribuição do capital cultural. Deve-se levar em conta, porém, que este se reveste de uma característica de dissimulação, uma vez que o senso comum considera que a aquisição de credenciais esteja unicamente vinculada ao esforço pessoal, quando no fundo existe, segundo Bourdieu, um vínculo à herança de privilégios sociais (acesso e escolhas que definem limites e possibilidades). Desta forma, Bourdieu afirma que este tipo de capital, que é transmitido pela família, mas tomado por natural, é capaz de legitimar privilégios sociais,

justamente através da dissimulação. Este novo modo de dominação baseado em títulos e diplomas se operacionaliza no mercado de trabalho, já que a forma de distribuição do acesso a cargos em empresas privadas e burocracias estatais se baseia nesta mesma lógica das credenciais.

A reprodução da ordem social, sob esta ótica, se dá pela relação entre capital econômico (herança familiar da propriedade econômica) e capital cultural (mediado pela instituição escolar), sendo que as classes dominantes podem acionar ambos os tipos de capital para a manutenção de seu poder. Assim, a primazia de um ou de outro não está dada, e deve ser entendida levando-se em conta a sociedade específica em que a relação ocorre e as conexões do espaço social, do sistema educativo e campo de poder (WACQUANT, 2007a).

Neste mesmo estudo, Wacquant cita diversos levantamentos estatísticos, de diferentes países (no caso França e Estados Unidos) os quais revelam que, na prática, a posse de credenciais e o histórico familiar têm influência sobre a trajetória profissional individual; filhos da elite, educados em escolas de prestígio em geral seguem trajetórias de ascensão ou pelo menos manutenção do *status* original. Porém a teoria não pode se concretizar de maneira totalmente objetivista, uma vez que existem desvios; os filhos dos dirigentes nem sempre estão dispostos a se submeter às práticas as quais estão expostos para garantir a transmissão de poder, mostrando assim que pode existir mobilidade descendente ou transversal, e principalmente, que pode existir um descompasso entre o interesse coletivo de classe e o dos membros individuais. Estas trajetórias desviantes, dos herdeiros não dispostos a lidar com o peso da sucessão, podem ser, portanto, consideradas fontes de mudanças na composição dos campos de poder. Wacquant afirma:

Isto implica que, contrariamente à leitura comum de Bourdieu como um "teórico da reprodução", a reprodução de classe não é uma conclusão inevitável, uma necessidade inerente do "sistema", mas um resultado contestado (e portanto contingente) que tem que ser conquistado pelos dominantes sobre e contra as suas divisões internas, dúvidas e divergências, além da resistência ou recalcitrância da parte dos dominados... (WACQUANT, 2007a, p.52, nota nº.12)

Para Bourdieu nem estrutura social nem intenções subjetivas são determinantes únicos das ações individuais; elas devem ser interpretadas com base na relação (harmoniosa ou não) entre estruturas mentais e estruturas sociais, história incorporada e história objetivada (WACQUANT, 2007a). De acordo com Bourdieu,

(...) os esquemas cognitivos pelos quais nós conhecemos, interpretamos e ativamente organizamos nosso mundo são, eles próprios, constructos sociais que transcrevem no interior dos corpos individuais os constrangimentos e as oportunidades (*facilitations*) de seu meio original (BOURDIEU *apud* WACQUANT 2007a, p.55).

Em *Estruturas sociais e estruturas mentais*, Bourdieu (1991) afirma que a análise das estruturas objetivas deve envolver também a análise das estruturas cognitivas uma vez que existe uma correspondência entre estruturas sociais e mentais. As pesquisas podem empenhar análises diferenciadas e focadas em uma ou outra vertente, porém isto só pode ser feito de maneira abstrata; na prática estas estruturas não se separam. Assim a análise sociológica só adquire sentido englobando as estruturas sociais e estruturas mentais. No caso da sociologia de Bourdieu as primeiras são apreendidas *a priori*:

(...) sem dúvida os agentes constroem a realidade social, sem dúvidas entram nas lutas e nas transações visando impor a sua visão, mas eles o fazem sempre com os pontos de vista, os interesses e os princípios de visão determinados pela posição que ocupam no próprio mundo que visam transformar ou conservar (BOURDIEU, 1991, p. 114).

A análise das relações de poder somente pode se concretizar considerando-se tanto as estruturas objetivas, quanto as subjetivas, ressaltando-se a leitura dos sujeitos dominantes e dominados que, com relação a uma dada instituição “não podem sofrer ou exercer plenamente suas exigências senão porque elas a incorporaram, porque com ela forma um só corpo, porque eles lhe dão corpo” (BOURDIEU, 1991, p. 115). A violência simbólica neste sentido é entendida como algo que se exerce com a participação ativa dos dominados, sem que isto signifique que ela se exerça no âmbito da consciência ou que seja voluntária. O autor ressalta o caráter tácito do constrangimento no momento em que as estruturas objetivas encontram correspondência nas estruturas mentais – a submissão e a manutenção da ordem social se colocam como algo natural, previsível para os sujeitos.

Preferências e escolhas, nos âmbitos escolar, cultural, esportivo, político, etc., vinculam-se às estruturas objetivas do espaço social em que o sujeito está inserido. Os agentes pautam suas ações não em escolhas deliberadas dentre as opções que se lhe apresentam; as escolhas, classificações e seus resultados estão vinculados aos esquemas incorporados que engendram classificações e pautam ações (BOURDIEU, 1991). Neste sentido, Bourdieu trabalha a noção de *habitus* para teorizar sobre a reprodução do sistema de diferenças que faz parte da ordem social.

Wacquant resume de maneira clara o conceito de *habitus* de Bourdieu, considerado por ele o autor que empenhou “a mais completa renovação sociológica do conceito” (WACQUANT, 2007b, p.66). A noção de *habitus* se origina na filosofia, tendo sua raiz relacionada ao pensamento de Aristóteles e à escolástica medieval. Bourdieu redimensiona o termo em sua teoria disposicional da ação, trabalhando categorias da como capital e mercado, diferentemente da economia clássica, aproximando estes termos às condições sociais e históricas em que os fenômenos estão inseridos.

Wacquant recupera a gênese da noção de *habitus* mencionando que suas raízes remontam à noção de *hexis* que, segundo a doutrina sobre a virtude de Aristóteles, denota o caráter moral adquirido e estabelecido, orientador de sentimentos, desejos e condutas. O termo *hexis* foi traduzido por São Tomás de Aquino, no século XIII, para o latim como *habitus*, com o sentido de uma “capacidade para crescer por meio de uma atividade” (WACQUANT, 2007b, p. 65). A sociologia clássica, através de representantes como Durkheim, Mauss e Weber, retoma o uso do termo. Bourdieu introduz inovações no uso do termo com a intenção de superar a relação de oposição entre objetivismo e subjetivismo. *Habitus*, em Bourdieu, realiza a mediação entre indivíduo e sociedade, captando a interiorização da exterioridade e vice-versa, permitindo pensar como a sociedade se constitui em uma referência para os indivíduos que agem e respondem criativamente aos constrangimentos do meio social. Segundo Wacquant, a noção bourdieusiana de *habitus* permite ao pesquisador refletir sobre “o modo como a sociedade torna-se depositada nas pessoas sob a forma de disposições duráveis ou capacidades treinadas e propensões estruturadas para pensar, sentir e agir de modos determinados” (WACQUANT, 2007b, p.66)

Para Bourdieu, a prática não se constitui pela influência direta de conformações estruturais, tampouco se constitui na ação intencional consciente de indivíduos com vistas a objetivos específicos, mas resulta da relação entre situação e *habitus*. Um sistema de disposições duráveis opera como um norte, um balizador, ou nas palavras dele, como uma “matriz de percepções, apreciações e ações” (BOURDIEU *apud* WACQUANT, 2007b, p. 66), tomando por base práticas e experiências anteriores. Estrutura social e estrutura mental, de acordo com esta concepção, estão imbricadas. Aptidões individuais, neste sentido, somente podem ser entendidas a partir de suas características sociais inscritas no tempo/espaço, não podendo por isso serem tomadas por “naturais” (WACQUANT, 2007b).

Pelo exposto, Wacquant (2007b) resume as principais características do conceito de *habitus* empreendido por Bourdieu:

- 1) Contempla aptidões sociais (e não naturais): varia conforme o tempo e o espaço e distribuições de poder;
- 2) Transfere-se a diferentes domínios (música, esporte, preferências gerais, escolhas políticas), fundamenta estilos de vida;
- 3) Tem uma característica durável, porém não eterna;
- 4) Embora não seja estática tende à inércia (estruturas sociais são anteriores às práticas);
- 5) Introduce uma lacuna entre determinações passadas e atuais (passado atuante como capital acumulado).

Ainda conforme Wacquant (2007b), a teoria do *habitus* de Bourdieu se constrói com base em dois princípios – sociação e individuação⁴. Sociação pois os juízos, preferências e bases de ação se pautam na sociedade e são partilhados por todos os indivíduos expostos a condições sociais semelhantes. Individuação pois cada indivíduo possui uma trajetória de vida que é única, internalizando e combinando de forma particular os esquemas sociais. É importante ressaltar o caráter não necessariamente intencional das estratégias relativas ao *habitus*. Diferentemente da teoria econômica clássica, para a qual o indivíduo é um ser isolado em busca de objetivos egoístas pautados na maximização de utilidades, o agente em Bourdieu é captado em sua inserção social, e as estratégias (e não as intenções estratégicas) são conformadas pelo *habitus*, por ações “orquestradas sem serem produto da atividade organizadora de um maestro” (BOURDIEU *apud* WACQUANT, 2007b, p. 68).

Outro ponto importante se refere à constatação de que o *habitus* não se constitui em uma cópia da estrutura social, pois se constrói por camadas, por sobreposições, viabilizando a influência de diferentes contextos e ambientes sucessivos que marcam uma determinada trajetória individual. *Habitus* também não se constitui em algo coerente, pois encerra tanto integrações quanto tensões (universos irregulares podem engendrar ações incoerentes). O *habitus* também não se basta enquanto gerador exclusivo da ação; é antes um propulsor e não pode ser entendido fora do contexto social em que evolui (WACQUANT, 2007b).

O conceito também é capaz de dar conta não somente da coesão, mas de situações de tensão. A noção circular da reprodução somente se viabiliza em situações em que a produção do *habitus* corresponde e é similar à sua condição de funcionamento (ou seja, em que o *habitus* evolui de acordo com o mundo social a que se refere). Daí o espaço aberto para a mudança e a inovação social, momento histórico em que se nota que o *habitus* não é capaz de responder e “gerar práticas” de acordo com o seu meio (WACQUANT, 2007b).

No artigo *A gênese dos conceitos de habitus e de campo*, Bourdieu avalia em retrospectiva a construção da noção desenvolvida por ele mesmo, ressaltando que pretendeu se opor tanto às noções estruturalistas (para os quais os agentes seriam meros suportes da estrutura) quanto ao individualismo metodológico; de acordo com as palavras do autor:

(...) eu desejava pôr em evidência as capacidades criadoras, activas, inventivas, do habitus e do agente (que a palavra hábito não diz), embora chamando a atenção para a ideia de que este poder gerador não é o de um espírito universal, de uma natureza ou uma razão humana, como em Chomsky – o habitus, como indica a palavra, é um conhecimento adquirido

⁴ De acordo com Wacquant (2007b), a despeito de críticas à noção de *habitus* de Bourdieu, de que seu modelo seria demasiado estruturalista, pode-se considerar que a teoria concede aos agentes uma margem de ação para construção do mundo social, através, contudo, de elementos incorporados. No pólo oposto da crítica, contra a noção construtivista, a teoria bourdieusiana ressalta que os instrumentos de ação individual resultam do mundo social.

e também um haver, um capital (de um sujeito transcendental na tradição idealista) o *habitus*, a *hexis*, indica a disposição incorporada, quase postural (BOURDIEU, 2010b, p. 61).

A noção de *habitus* ajuda a explicar a conformação de estilos de vida comuns a indivíduos pertencentes a um mesmo grupo e seus gostos e preferências (musicais, desportivas, políticas, matrimoniais, etc.). Trata-se de um sistema durável, mas não imutável, uma vez que as disposições são socialmente estabelecidas podendo ser modificadas frente a situações e forças externas (migrações, por exemplo). Embora não se constitua na teoria de Bourdieu em um sistema fixo, ele tende à inércia, pois as estruturas sociais que o engendram são anteriores a eles (assim entende-se porque o autor delega grande importância às determinações passadas, tomadas por capital acumulado) (WACQUANT, 2007b).

Bourdieu (1983) constata que os indivíduos seguem estilos de vida (ou condições de existência) diferentes e específicos conforme suas posições no espaço social, pois que são resultado do *habitus*, princípio que gera todas as práticas. As condições semelhantes correspondem práticas singulares e específicas, que operam nos limites impostos pelas condições objetivas. Não se trata de estabelecer de forma simplista uma relação imediata entre posição social e ação/estilo de vida. O autor ressalta que não existe uma relação direta entre o capital econômico e a prática e o estilo de vida:

(...) não é propriamente um baixo ou alto salário que comanda as práticas objetivamente ajustadas a esses meios, mas o gosto, gosto modesto ou gosto de luxo, que é a transcrição durável delas nas tendências e que encontra nesses meios as condições de realização (BOURDIEU, 1983, p.82).

O sistema de esquemas geradores está imbricado em determinadas condições materiais de existência, que são demonstradas através de preferências. As oposições neste sentido revelam as diferenças de posicionamento na estrutura de distribuição de bens materiais e simbólicos. A posição de indivíduos ou grupos no espaço social somente pode ser estabelecida levando-se em consideração o *habitus* (ou “a fórmula generativa do sistema de disposições generativas” relativo à condição socioeconômica em questão, condição esta que traduz o *habitus* (BOURDIEU, 1983, p. 83). O gosto por determinada prática ou tipo de objeto está contido no princípio do estilo de vida, conjunto unitário de preferências que se revelam através, por exemplo, da linguagem, do comportamento, da postura corporal. As oposições entre classes podem então ser apreendidas a partir da análise do padrão de consumo (de alimentos, bebidas, vestimenta, arte, etc.). As preferências e os gostos podem variar conforme a classe social – populares, médias, privilegiadas – de acordo com o valor de uso ou a raridade (distinção) do bem em questão:

(...) a cada nível de distribuição, o que é raro e constitui um luxo inacessível ou uma fantasia absurda para os ocupantes do nível anterior ou inferior, torna-se banal ou comum, e se encontra relegado à ordem do necessário, do evidente, pelo aparecimento de novos consumos, mais raros e portanto, mais distintivos (BOURDIEU, 1983, p.85).

Bourdieu (1983) cita o experimento relatado em outra obra de sua autoria⁵, no qual foram entrevistados representantes de diferentes grupos sociais acerca do que eles consideravam relevante ou digno de uma fotografia, com o intuito de captar o que é relevante ou insignificante do ponto de vista estético, conforme cada grupo. A análise demonstrou que o julgamento do belo e da transfiguração artística está relacionado ao capital cultura herdado ou adquirido através da escola. Apenas uma minoria (composta por produtores artísticos, professores universitários e intermediários culturais) considerou que qualquer coisa poderia ser objeto de uma bela fotografia: apenas 16,9% dos entrevistados oriundos das “classes populares” consideraram que uma “casca” daria um bom objeto de fotografia, e 6,6% um repolho, enquanto que para as “classes superiores” os números auferidos foram respectivamente 48,3% e 17,7%.

Bourdieu expõe diversos quadros de resultados de uma pesquisa que relacionou gostos e práticas culturais, conforme o grupo social (BOURDIEU, 1983, p. 98). Uma delas a partir de certos tipos informações, que seguem abaixo resumidas a título de exemplificação:

“Número de compositores conhecidos numa lista de 16 obras musicais”

	Classes populares	Classes Médias	Classes Superiores
0 a 2 compositores	77.10%	41.40%	15.1”

“Número de cineastas conhecidos numa lista de 19 filmes”

	Classes populares	Classes Médias	Classes Superiores
Nenhum	88.60%	58.20%	47.50%

“Observações anotadas pelo entrevistador, que dispunha de um quadro de observação”

	Classes populares	Classes Médias	Classes Superiores
Gírias	8.30%	2.60%	4.80%
Sotaque marcado	33.30%	9.80%	0

Neste mesmo estudo Bourdieu utiliza outras tabelas de dados para demonstrar o cruzamento entre classe e estilo de vida, sempre utilizando as classificações “populares”, “médias” e “superiores” e suas subdivisões quanto a atividade profissional, demonstrando que os indivíduos assim classificados possuem um padrão de gostos e preferências que se

⁵ *Disposition esthetique et compétence artistique. Les Temps Modernes*, 295, 1971, p. 1345-78

enquadram em suas origens e classificações sociais, mais do que em gostos ou aptidões naturais. Assim o autor analisa o tipo de atividade extra desempenhada por cada grupo (foto, cinema, artes plásticas, instrumentos musicais, visitas a museus), audiência do rádio (variedades, informação, cultura, música), cantores preferidos, local de compra do mobiliário, preferências quanto ao *design* de interiores, artistas, vestuário, qualidades apreciadas em amigos, pratos preferidos. Os resultados citados mais acima se verificam também nestes outros cruzamentos de informações. Bourdieu também cita o gosto pelo cinema ao *habitus* de classe, afirmando que os grupos com menor acesso ao capital cultural preferem histórias lógicas e ordenadas cronologicamente a tramas ambíguas e simbólicas, não se tratando, contudo, de uma falta de competência, mas um alinhamento a um determinado conjunto de valores. O autor citando estes diversos tipos de mensurações, pesquisas e estatísticas que empreenderam o cruzamento entre capital cultural, *habitus* e gostos, afirma que:

(...) a audiência a estações de rádio mais eruditas (...), e das transmissões musicais ou culturais, a posse de uma eletrola, a audição de discos (...), a frequência aos museus e o nível de competência em pintura, traços que têm todos forte correlação entre si, são estreitamente função do capital cultural e hierarquizam brutalmente as diferentes classes e frações de classe (...) (BOURDIEU, 1983, p.92).

A aquisição da cultura via família, empreendida desde a infância, é diferente da aquisição por via pedagógica e tardia, pois a primeira proporciona um maior desembaraço frente aos itens da cultura através do aprendizado espontâneo e se vincula à legitimidade cultural. Segundo Bourdieu, “a pintura não são os museus, de repente descobertos no prolongamento de um aprendizado escolar, mas o cenário do universo familiar” (BOURDIEU, 1983, p. 97). De toda maneira o sistema escolar pode ser também considerado uma via para aqueles que não tiveram o acesso por meio da família, substituindo a experiência direta, “oferece atalhos ao longo encaminhamento da familiarização” (BOURDIEU, 1983, p. 99).

As classes sociais e seus respectivos gostos são entendidos com referência à cultura considerada legítima. Assim o estilo de vida das classes populares, caracterizado não pelo consumo de luxo, mas por substitutos de segunda linha, é, para Bourdieu, uma adaptação à posição que ocupa na estrutura social face aos valores dominantes. Estas classes se separam das demais tendo em vista o acesso restrito aos meios econômicos e culturais disponíveis para a formulação de seu estilo próprio, constituindo este fato, para o autor, uma forma sutil de alienação. O autor exemplifica que as classes populares não consomem champanhe, mas em substituição consomem vinho gasoso; isto significa que elas definem os bens almejados com base no gosto das classes superiores, constituindo um

(...) desapossamento da capacidade de formular seus próprios fins (e a imposição correlativa de necessidades artificiais)” (...) Excluídos da propriedade dos instrumentos de produção, eles são também desapossados dos instrumentos de apropriação simbólica das máquinas a que eles servem, não possuindo o capital cultural incorporado que é a condição da apropriação conforme (ao menos na definição legítima) do capital cultural objetivado nos objetos técnicos. (BOURDIEU, 1983, p.100)

Sob esta ótica a escola seria um dos locais e um dos momentos de reprodução da situação, através da importância dada a saberes que não são originários ou relativos às classes populares.

Conforme Bourdieu (2010a), a combinação do capital cultural com o *ethos* de classe norteia posições perante o ensino. Vantagens e desvantagens são cumulativas de acordo com este pensamento: as crianças passam por um processo de seleção conforme sua origem social, sendo que as crianças de classes populares devem se esforçar mais para receber o incentivo de pais e professores para continuidade de seus estudos – e mais do que isso, as escolhas pelo tipo de ensino definem irreversivelmente as trajetórias e destinos escolares, escolhas estas que são balizadas por condições objetivas/sociais. Além do fato de a herança social ser “transmutada” em herança escolar, Bourdieu identifica ainda que a escola tenha uma grande responsabilidade na manutenção das desigualdades geradas neste processo. O ideário democrático de equidade não se concretiza na realidade, uma vez que (com o intuito de promover a igualdade) as desigualdades culturais entre as crianças de diferentes origens sociais são abstraídas, tem-se o efeito inverso do que se proclama:

(...) o sistema escolar é levado a dar sua sanção às desigualdades iniciais diante da cultura (...) A igualdade formal que pauta a prática pedagógica serve como máscara e justificação para a indiferença no que diz respeito às desigualdades reais diante do ensino e da cultura transmitida, ou melhor dizendo, exigida. (BOURDIEU, 2010a, p. 53).

Conforme Bourdieu (2010a) ocorre na escola uma nivelção pelo topo; as exigências culturais da escola se alinham a uma herança cultural determinada, aristocrática – a prática do ensino assume o ponto de vista da elite. Assim as classes operárias e pequeno-burguesas não são capazes de contribuir para as atividades escolares neste sentido cultural, uma vez que seus valores não são aqueles valorizados pela escola. Os filhos de outras classes que não da elite recebem orientações e são avaliados com base em um *ethos* que não é correspondente a sua realidade cultural; a família tem seu papel esvaziado neste determinado sentido, cabendo à escola transmitir e moldar estes valores exteriores, tomando muitas vezes por pressupostos alguns conhecimentos anteriores (cujos portadores são representantes de uma elite cultural), sem os quais o conteúdo transmitido se torna ininteligível (para as classes populares). A escola assume desta forma o papel implícito de perpetuar a cultura dominante mesmo sob o pretexto da universalização, uma

vez que os mecanismos de transmissão do conhecimento estão vinculados aos ideais dominantes da ordem social. Operando desta maneira o próprio sistema se perpetua, pois seleciona indivíduos com capital cultural adequado à sua metodologia. O acesso aos meios de ascensão social para a grande massa por via da educação não está ao alcance das classes populares (BOURDIEU 2010a, p. 56-57); segundo Bourdieu, a ordem social das ditas sociedades democráticas é rígida e permite desta forma o monopólio pelas classes dominantes da utilização da instituição escolar, “[...] detentora, como diz Max Weber, do monopólio de manipulação dos bens culturais e dos signos institucionais da salvação cultural” (BOURDIEU 2010a, p. 64).

Conclusão

Como visto, a conformação das atitudes e das características individuais podem ser analisadas a partir do ponto de vista histórico e social. Aqui não cabe discutir se a sociologia de Bourdieu seria demasiado estruturalista, apenas ressaltar que as condutas individuais e sociais para o autor aparecem não somente como fruto, mas também como fatores de influência sobre os meios sociais. Em outras palavras, a mesma sociedade que molda os indivíduos (e traça os limites e possibilidades de suas trajetórias) também é influenciada pela ação destes agentes sobre a realidade social. Desta forma entende-se porque para Bourdieu ação e estrutura estão inter-relacionadas. O processo de aprendizado tácito, de aquisição dos esquemas de percepção, classificação e conduta, o processo de socialização, ou o *habitus* entendido como um sistema durável, são os elos teóricos que traduzem a noção desenvolvida neste trabalho, a de que as trajetórias individuais são modeladas, adaptadas e influenciadas pelo meio social.

O espaço de atuação individual está absorto em um contexto de relação entre grupos sociais, cujos representantes portam recursos diferenciados (capital material e simbólico) – assim a ação do grupo ou do indivíduo é pautada por sua posição neste jogo de poder. A classificação dos grupos sociais por Bourdieu leva em conta não apenas aspectos quantitativos relacionados ao porte de capital econômico, mas também o porte de capital simbólico que encerra uma rede de relações sociais e que conforma estilos de vida comuns. As características dos grupos são socialmente estruturadas, porém deve-se manter em mente que para a sociologia aqui esboçada não existe necessariamente uma ação intencional de um grupo sobre outro no sentido de sua dominação ou manutenção de poder. O próprio grupo social, ao absorver os esquemas de pensamento, ao apostar no que é socialmente divulgado e aceito, é capaz de traçar os limites das trajetórias para os seus herdeiros. Então desta forma o discurso é absorvido, e as estratégias assumidas (conscientes ou não) são aquelas que os sujeitos acreditam que sejam adequadas a eles.

As escolhas individuais, analisadas à luz da noção de *habitus*, se pautam naquilo que é familiar ao sujeito, nas condições conformadas na e pela prática social. Estas condições sociais se vinculam à posição do grupo ao qual o indivíduo faz parte, em um espaço social organizado com base no porte desigual de recursos de poder.

Assim, sob a ótica bourdesiana, a posição do estudante perante a escola pode ser entendida como um reflexo da influência da família, que por sua vez é moldada pelas condições sociais que se lhe apresentam. O alcance do pensamento e das escolhas é delimitado pelas fronteiras da existência social do grupo de indivíduos; em geral, os desejos que afloram são aqueles que são passíveis de serem desejados. Os limites são interiorizados, e assim os objetivos são traçados com base na percepção das possibilidades que se apresentam aos indivíduos. Para Bourdieu no limite as esperanças subjetivas são as oportunidades objetivas interiorizadas (BOURDIEU, 2010a, p. 47-50). Assim, a influência do contexto social e familiar pode desencorajar metas tidas como descabidas para um determinado grupo social⁶.

As escolhas individuais se baseiam em valores sociais e no mais das vezes não se dão de forma consciente - o peso das estruturas cognitivas dificulta a ação deliberada no sentido da mudança, daí a característica de inércia do conceito. Neste sentido seria interessante pensar como o trabalho da sociologia poderia se constituir em uma possibilidade de atuação consciente sobre a realidade social promovendo algum deslocamento dos limites colocados por ela. Em Bourdieu, os sistemas duráveis não são estáticos, eles podem mudar em situações de desajustes estruturais. A sociologia, ao ultrapassar os limites das interpretações economicistas e ao trazer nova luz às interpretações sobre a origem das desigualdades sociais, neste sentido poderia ser apropriada pelos grupos dominados como uma ferramenta capaz de lhes posicionar de maneira diferenciada frente às determinações do mundo objetivo. Conforme o autor,

(...) é através da ilusão de liberdade em relação às determinações sociais que se dá a liberdade de se exercerem as determinações sociais... Paradoxalmente, a sociologia liberta libertando da ilusão de liberdade, ou, mais exatamente, da crença mal colocada nas liberdades ilusórias. A liberdade não é um dado, mas uma conquista, e coletiva (BOURDIEU, 1990, p.28).

⁶ Para Bourdieu, a influência do meio familiar sobre a educação está muito relacionada ao aspecto cultural; as possibilidades de êxito, ou usando as palavras do autor: as "esperanças de vida escolar", estão relacionadas tanto a aspectos demográficos como tamanho da família e local de residência, mas principalmente às experiências culturais proporcionadas pela família, ao domínio da linguagem, bem como à escolaridade de pais e avós e o tipo de instituição do passado escolar do indivíduo (ensino normal ou profissional, público ou privado, por exemplo). A desigualdade no acesso a informação é um fator relevante também; segundo o autor, famílias populares ao desconhecerem as possibilidades de ensino existentes, direcionam seus filhos a uma formação pré-determinada por aquilo que lhes é mais familiar e, portanto, plausível. Bourdieu menciona, para o caso da França, que o liceu não faz parte do universo de famílias populares, portanto a tendência notada é o direcionamento de estudos para o ensino geral, a não ser por uma excepcionalidade ou conselhos advindos de membros de fora da família, como de um professor, por exemplo (BOURDIEU, 2010a, p. 45).

Pensando na proposta deste artigo, que pretende se constituir em um material didático para aplicação em escolas secundárias, as noções de Bourdieu, acima expostas e quando trabalhadas no ensino médio, poderiam se constituir em uma tentativa de introduzir os jovens alunos a uma sociologia entendida como um pólo de *combate*. Mesmo que de forma um tanto limitada (uma vez que as estruturas de pensamento para o autor se originam no meio social), através da sociologia os alunos-agentes poderiam se tornar capazes de se conscientizar sobre os fatores determinantes de suas práticas, de seus estilos de vida, de suas escolhas, orientando-se no sentido de definir o valor de sua própria cultura (e por quê não impulsionando em conjunto com seus professores uma proposta educacional pautada não mais em valores definidos por outros grupos externos a eles?), desnaturalizando idéias e justificativas baseadas no dom, no merecimento. Seria então uma tentativa de ir além da simples reprodução, mudança esta a começar pela própria escola.

Referências bibliográficas:

- BOURDIEU**, P. (1983). Gostos de classe e estilos de vida. In: *Sociologia*. ORTIZ, Renato (org.). São Paulo: Ática. Coleção Grandes Cientistas Sociais, vol. 39.
- _____. (1990). *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense.
- _____. (1991). Estruturas Sociais e estruturas mentais. IN: *Teoria & Ação*, 3, p. 113-119.
- _____. (1996). O novo capital. IN: *Razões Práticas Sobre a Teoria da Ação*. Campinas: Papirus Editora.
- _____. (2010a). *Escritos de Educação*. NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afranio (orgs). São Paulo: Vozes.
- _____. (2010b). A gênese dos conceitos de *habitus* e de campo. In: *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- WACQUANT**, Loïc (2007a). Lendo o “capital de Bourdieu”. In: *Educação & Linguagem*, n. 16, jul-dez. 2007, p. 37-62.
- _____. (2007b). Esclarecer o habitus. In: *Educação & Linguagem*, 16, jul-dez. 2007, p. 63-71.

Sítio virtual visitado na Internet

<http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/livros/cardenosdepoliticacadvol3.pdf>, acessado em 20/06/2011